

Terça-Feira , 23 de Agosto de 2005

Células-tronco

Patrícia Nobre, Salvador, BA



ASSISTA AO VÍDEO

Uma esperança para pacientes portadores de esclerose lateral amiotrófica, uma doença neuro-degenerativa, que destrói a capacidade motora.

Um transplante de células-tronco teve ótimos resultados numa paciente operada no início do ano.

O caso vai ser pesquisado e pode significar um novo avanço para a medicina no Brasil. Essa experiência pioneira foi realizada por uma equipe médica de Salvador.

A farmacêutica Débora Mangabeira já não precisa mais da cadeira de rodas. O lado esquerdo do corpo, antes paralisado, recuperou os movimentos. Ela também voltou a falar, sem tanta dificuldade. Situação bem diferente de cinco meses atrás. “Ficava curvada, não tinha postura correta, a fala era comprometida e eu não andava.”

Débora tem uma doença auto-imune, onde o corpo se agride e, no caso dela, afeta as células do sangue. Ela também tem esclerose lateral amiotrófica, uma doença neuro-degenerativa, que provoca a perda da capacidade motora, os músculos paralisam progressivamente.

No dia 14 de março, Débora fez um transplante de medula óssea. O transplante foi feito para tratar a doença auto-imune. Porém, uma mudança no procedimento até então usado, trouxe uma surpresa para os pesquisadores. A terapia celular acabou fazendo efeito no tratamento da esclerose lateral amiotrófica.

No transplante comum de medula, o médico usa as chamadas células-tronco hematopoéticas, que saem da medula e são retiradas do sangue através das veias. Transplantadas para o paciente, dão origem a células de sangue. No caso de Débora, a equipe médica usou também células-tronco mesenquimais, retiradas diretamente da medula e que são capazes de se transformar em outros tecidos.

“Com o quadro imunológico, houve uma recuperação total e com o quadro degenerativo neurológico, uma melhora rápida e progressiva”, disse o médico Ronald Pallotta.

O caso de Débora será amplamente pesquisado e, apesar dos resultados conseguidos, a equipe responsável fala em cautela. “Nós não sabemos se fizemos mais 99 casos, se terão a mesma resposta. Pode ser que só ela tenha, mas pode ser também que os 99 tenham a mesma resposta. Agora, pelo menos, abre uma expectativa para que possamos estudar especificamente essa doença.”